

A RECONFIGURAÇÃO DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICAS DIANTE DA PANDEMIA DE COVID-19: PENSANDO A CRISE EM DEFESA DO SUS E SUAS

GABRIEL BENAVENTANA SANTOS¹; DIEGO EUGÊNIO R. GODOY ALMEIDA²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielbenaventana@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – diego.godoy@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Laboratório de Práticas Emancipatórias e Territoriais - LAPET, do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas, propôs, em sua origem, a criação do Programa de Extensão *Comunidade de Práticas Emancipatórias* (CoPE), composta por docentes e acadêmicos de Terapia Ocupacional da UFPel, educadores de escolas públicas e trabalhadores da Saúde, Cultura e Assistência Social de um bairro do município de Pelotas.

Pensa-se na CoPE como uma metodologia educativa de ação intersetorial, a qual sistematiza as ações territoriais, isto é, a interlocução entre SUS, SUAS, Educação e Cultura. A CoPE estabelece, dessa forma, rede entre as instituições, enxergando os espaços e as práticas sociais do território como espaços de aprendizagem compartilhada, tendo como finalidade a emancipação (ALMEIDA et al., 2020). O bairro Dunas, no município de Pelotas, foi escolhido para o início das ações do LAPET, por possuir problemas de abastecimento de água, esgoto, energia elétrica e recolhimento de lixo, além de problemas relativos à habitação, resultando em condições precárias de vida e saúde.

No enfrentamento das vulnerabilidades do território nasce, então, a CoPE-Dunas. Foram feitas pactuações com as secretarias municipais e gestores dos serviços do território Areal-Dunas (Unidade Básica de Saúde - UBS, escolas de ensino infantil e fundamental - EMEI e EMEF, Centro de Artes e Esportes Unificado - CEU e o Centro de Referência de Assistência Social - CRAS) e, verificado o interesse, foram propostos diversos projetos e ações que se realizaram no período entre a criação do projeto (início de 2019) e a suspensão das atividades acadêmicas em função da pandemia de COVID-19 (início de 2020).

A pandemia, que já dura sete meses, ocasionou mudanças significativas no cotidiano individual e coletivo, e impediu a prática de diversas ações que envolviam contato pessoal. Os analistas marxistas críticos dizem há muito tempo que o sistema está em crise profunda (ZIZEK, 2020), porém, há uma falsa sensação de que alguns problemas sociais surgiram neste período. Exemplos disso são o subfinanciamento das políticas sociais e a agenda de reformas políticas neoliberais que estão em curso nos últimos anos, tornando as desproteções sociais mais evidentes agora.

Durante a pandemia, o LAPET, envolvendo os três pilares da universidade, reafirmou que o papel da extensão não equivale ao assistencialismo ou mera prestação de serviço. Trata-se de sua função social na relação de co-construção e compartilhamento de saberes entre a universidade e a comunidade, tendo sempre a emancipação como finalidade e reafirmando o compromisso político de fortalecimento do SUS e do SUAS. Para isso, além da adaptação das atividades planejadas anteriormente, o grupo precisou contar com sua capacidade de invenção, dado o ineditismo do que vem sendo construído neste período, que poderá servir como modelo à práticas futuras, justificando este relato científico.

Explicitada a problemática da extensão universitária frente à crise sanitária, econômica e política, o objetivo deste trabalho é relatar as reformulações metodológicas da CoPE, destacando a emergência de métodos, resultados, desafios, bem como a atualização da finalidade emancipatória das ações.

2. METODOLOGIA

A aprendizagem propiciada pelas pessoas em atividade dentro de uma comunidade, ou seja, as práticas de interdependência, vão sinalizar um modelo conceitual a ser chamado de *Comunidade de Práticas* (WENGER, 1998; BENZIE; SOMEKH, 2015). O compromisso dos participantes, *engajamento mútuo*; a constante observação da relação realidade-possibilidade, *empreendimento conjunto* e o *repertório compartilhado* (de símbolos, expressões, ações, etc) são, segundo Etienne Wenger (1998), as três dimensões relacionais base para a construção de uma Comunidade de Práticas. Essas dimensões ultrapassam os objetivos de trabalho, quais sejam, obtenção de informação, de diagnóstico de faltas e obstáculos e da construção de práticas para solucionar problemas, pois podem levar a transformações identitárias promovidas pela “aprendizagem situada”.

Os projetos de extensão que compõem o programa CoPE-Dunas agora se encontram divididos em dois eixos: Saúde e Assistência Social. Alguns projetos desenvolvidos junto aos setores da Educação, Assistência Social e Cultura foram suspensos pelas limitações do LAPET e pela ausência de recursos. O CoPE-Dunas foi contemplado com apenas 4 bolsas no ano vigente, fazendo com que a continuidade das ações ficasse, lamentavelmente, subordinada à disponibilidade, afinidade e empenho individual dos estudantes voluntários do Programa.

Tabela 1: Descrição dos Projetos do Programa CoPE conforme os eixos Saúde e Assistência Social

EIXO	PROJETO	OBJETIVO
Eixo Saúde	Narrativas corporais	Oferecer cuidado às trabalhadoras da Saúde por meio da escuta/escrita de experiências biográficas.
	Cartografias Mentais: Saúde Mental, Cotidiano e Terapia Ocupacional	Mapear o sofrimento/adoecimento mental da população, contribuindo para o diagnóstico do território e planejamento de ações na Rede de Atenção Psicossocial.
	Análise de materiais voltados à educação em saúde que informam a prática de trabalhadores da atenção primária à saúde	Instrumentalizar o trabalho das ACS para a produção de saúde no território.
Eixo Assistência Social	Terapia ocupacional na proteção social básica: a efetividade das oficinas emancipatórias no enfrentamento à COVID-19	Apoiar os trabalhadores dos 6 Centros de Referência de Assistência Social por meio da análise do cotidiano em crise e processos de trabalho.

A CoPE, por ser uma metodologia ampla e passível de ser enriquecida por outras metodologias, abarca diversos projetos e ações (Tabela 1) de menor escala,

referenciados pela Saúde Coletiva, Terapia Ocupacional Social e Fenomenologia. São diversos métodos com o mesmo viés crítico, ou seja, mesma finalidade emancipatória que será atualizada pelo trabalho sinérgico dos sujeitos (trabalhadores e moradores do território) em prol das suas necessidades humanas e em resposta aos problemas sócio-históricos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como esperar engajamento em um grupo quando, diversas vezes, não se vê ou ouve os outros participantes? Como é possível que se desenvolva identidade com um novo grupo, proposto por estranhos que nunca se viram pessoalmente? Condicionados à virtualidade, os integrantes da CoPE passam a enfrentar a falta de recursos ou de intimidade com as tecnologias.

Os projetos têm utilizado a Webconf, serviço de webconferências UFPel, como plataforma principal de contato com a população alvo, além do Whatsapp, para troca rápida de mensagens e ligações telefônicas em contatos específicos. Alunos e professores têm usado computadores, celulares, internet próprios no trabalho remoto. Para a UBS foi emprestado um computador, porém os trabalhadores também acabam utilizando recursos próprios, já que, na maioria das vezes, participam de suas casas.

As reuniões virtuais e contatos telefônicos são gravados e transcritos para análises do grupo. Para compensar ausências nas intervenções síncronas, tem-se usado as crônicas dos encontros como estratégia de manter os participantes informados sobre tópicos discutidos. São criados grupos de Whatsapp visando criar alguma grupalidade e participação de equipes e instituições, temporários ou permanentes em relação ao fim de cada ciclo de oficinas, a critério dos participantes, através do qual são tomadas decisões coletivas sobre os projetos, são compartilhados informes, músicas, documentos etc. Registros por foto ou vídeo são feitos ocasionalmente e transformados em publicações informativas nas redes do LAPET. Além disso, diários de campo (Google Drive) são constantemente alimentados pelos alunos, como recurso de aprimoramento da análise de si e gestão dos processos grupais.

É possível imaginar a internet como um potente recurso para formação de redes, uma vez que bastam alguns comandos para que se criem grupos online. Acontece que o acesso à internet se torna uma limitação importante: a participação de cada um se torna incerta e o engajamento mútuo mais distante.

O LAPET, reconhecendo a necessidade de maior destreza no produção de conteúdos digitais por parte de discentes e docentes, promoveu a Oficina: Produção, edição de vídeo e imagem e as mídias sociais como aliadas na divulgação de ações da universidade. Além disso, a tem-se investido nas possibilidades socioeducativas das redes sociais: <https://www.instagram.com/lapetufpel/> e <https://www.facebook.com/lapetufpel>.

Quanto às ações e projetos junto ao SUS e SUAS, percebe-se que o trabalhador, que deveria se confundir com o usuário enquanto sujeito de direito, não consegue se ver nessa condição por estar sobrecarregado. Não há espaço para reflexão no serviço que é engolido pela emergência. O Estado mantém uma missão de extermínio, num processo de desumanização ao limite do direito à vida, realidade essa nomeada como *necropolítica* (MBEMBE, 2018).

4. CONCLUSÕES

A pandemia da COVID-19, somada ao projeto neoliberal de sucateamento das políticas sociais, bem como a ausência de coordenação política do Ministério da Educação estruturam a atual realidade. A CoPE encontrou nas tecnologias de informação e comunicação, ferramentas possíveis de trabalho junto ao território Dunas, o que possibilitou inclusive, estender suas ações para outros equipamentos do município de Pelotas. Não obstante os avanços, o trabalho de apoio ao SUS e do SUAS tem ensinado que as condições de trabalho estão cada vez mais precárias. A CoPE teve que reduzir o número de projetos por conta do escassez de bolsas, e vê-se obrigada a usar dos próprios recursos para o trabalho remoto, tal qual os trabalhadores da saúde e assistência que também sofrem com o subfinanciamento nas políticas sociais.

As condições materiais de ambos os setores dificultam a emergência do sentimento de pertença, devido à justificativa de urgência, burocratização e despolitização de cada serviço/setor. Esse “ilhamento” é a principal barreira para a criação de uma Comunidade de Práticas em seu sentido estrito. Os quatro projetos que compõem o Programa CoPE têm investido na potência do cuidado e na educação crítica, potencializando a formação graduada assim como a formação dos docentes e profissionais. Sendo assim, acredita-se que é papel da universidade levar o conhecimento científico para além dos muros e convidar a população a pensar a crise, criando conjuntamente instrumentos de enfrentamento às situações de opressão. O LAPET passou por um processo de reinvenção para manter o compromisso da extensão com caráter emancipatório, que também tem como resultado a produção de conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D.E.R.G. et al. Programa comunidade de práticas emancipatórias: Construindo redes de colaboração intersetorial e transformação social pela práxis. In: Michelon, F.F.; BANDEIRA, A.R. **A extensão universitária nos 50 anos da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2020. p.310-324.

BENZIE, D.; SOMEKH, B. **Comunidade de Prática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

WENGER, E. **Communities of practice**: A brief introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. Disponível em:
<https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/handle/1794/11736> Acesso em 09 set. 2020.

ZIZEK, S. **Pandemia: Covid-19 e a Reinvenção do Comunismo**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.